

Cidades

PATRIMÔNIO Projeto prevê uma réplica da antiga sala onde era feita a leitura do livro das tradições hebraicas. Local servirá para reuniões e estudos

Judeus iniciam restauração de sinagoga

CLEIDE ALVES

A restauração do prédio onde funcionou a primeira Sinagoga das Américas, na Rua do Bom Jesus, Bairro do Recife, será iniciada na próxima semana. O projeto arquitetônico prevê uma réplica da antiga sala onde os judeus faziam a leitura do Talmude (o livro das tradições hebraicas). Com capacidade para cerca de 120 pessoas, o espaço, agora, será destinado a reuniões e estudos. "O ritual religioso será substituído pelo cultural", diz o arquiteto José Luiz Mota Menezes, responsável pelo projeto.

Ele explica que a mesa de leitura ficará na mesma posição que era usada pelos judeus no século 17, assim como as cadeiras. "Os móveis não serão restaurados e sim reconstituídos", sublinha. O desenho do mobiliário é todo novo, mas lembra os móveis do antigo templo religioso. "O visitante terá a impressão de que os móveis são antigos porque a volumetria, a cor escura da madeira e a disposição do mobiliário na sala serão mantidas", explica.

Mantendo a tradição, o *echal* (arca) onde se guarda o livro sagrado ficará numa posição voltada para o oriente. "É um móvel no mesmo padrão do antigo, mas não é uma cópia". José Luiz Menezes disse que o piso de madeira atual será mantido. Uma parte das prospecções arqueológicas realizadas no imóvel (ver matéria na página 8) ficará aparente para visitação, protegidas por uma grande parede de vidro e com iluminação especial.

Foram selecionadas a muralha que cercava a cidade, a *Mikva* usada no ritual judeu de purificação, as estruturas anteriores ao século 18 que possam pertencer ao ciclo da sinagoga e trechos do piso. Uma das casas ficará com o piso original todo aparente e a outra terá janelas de vidro para que o visitante possa visualizar alguns trechos do piso primitivo. Na sala de reuniões, no primeiro andar, José Luiz criou um balcão indicando o local destinado às mulheres nas cerimônias.

PLACAS - Tudo isso será identificado com placas. O prédio deve ser reinaugurado em outubro, como um centro de cultura e museu de resgate da memória judaica. Está prevista uma exposição sobre a presença dos judeus no Nordeste. Os vestígios da antiga sinagoga, que ficarão à mostra, poderão ser visitados mesmo quando o museu estiver fechado. Na frente da casa, ficará uma placa sinalizando o templo, escrita em hebraico, português, inglês e espanhol.

José Luiz Menezes informa que as fachadas do imóvel (ruas do Bom Jesus e Domingos José Martins) não serão alteradas. "É preciso respeitar os tempos bons da edificação". Ele só vai tratar o gradil enferrujado, repor vidros e janelas e tirar as várias camadas de tinta das portas. Com relação à cor, o arquiteto disse que respeitará o colorido da rua.

A rede elétrica da casa ficará aparente e suspensa, sem interferir na parede de pedra antiga. Todo os ambientes terão ar-condicionado. O forro da casa (não se sabe se pertencia à sinagoga) funcionará como um elemento escultural: uma mistura de estrutura metálica, fibra de vidro e resina. José Luiz acrescenta que a exposição da abertura percorrerá outros centros e a sala do Recife será ocupada por outras mostras. "O museu não será estático".

Para o centro de informação da memória hebraica, ele sugere que o arquivo de papel seja guardado. "Os principais elementos podem ser digitalizados e passados para o computador. Com isso, o material pode ser copiado, mas evita-se o manuseio do documento". Ele explica que não há intenção de restaurar a sinagoga tal como era, pois não existem registros que mostrem como ela era de fato.



■ RECONSTITUIÇÃO DA SINAGOGA

1

O forro da casa (não se sabe se a estrutura pertencia ou não à sinagoga) receberá um tratamento moderno misturando metal, fibra de vidro e resina. Funcionará como um elemento escultural na casa e provavelmente será executado com a participação do artista plástico Jobson Figueiredo

2

No primeiro andar ficará uma réplica da Sinagoga Kahal Zur Israel, com mobiliário novo que lembra os móveis antigos do templo na disposição dos espaços, na volumetria e na cor escura da madeira. Em um canto voltado para o oriente ficará a Echal (arca) onde era guardado o livro sagrado

3

O pavimento térreo será ocupado pelo Centro de Documentação da Memória Judaica. O material que irá compor o acervo está sendo selecionado pela historiadora Tânia Kaufman e pela pesquisadora Beatriz Schwartz. São documentos originais e cópias em forma de texto e imagens

ROBERTO FIGUEIREDO/BANCO DE IMAGEM/IC



ARQUEOLOGIA Escavações no piso do prédio da antiga Sinagoga Kahal Zur Israel, no Bairro do Recife, estão permitindo importantes descobertas, como a Mikva (foto ao lado) – um poço de pedra –, usada no ritual judeu da purificação

PATRIMÔNIO Estudos feitos no prédio da antiga sinagoga mostram, ainda, existência de uma Mikva

Escavações revelam muralhas que protegiam o Recife no século 17

ALUZIO ARRUDA/BANCO DE IMAGEM/IC



As escavações arqueológicas realizadas no prédio da antiga Sinagoga Kahal Zur Israel, de outubro de 1999 a fevereiro de 2000, permitiram descobertas importantes: o aterro que deu origem ao Recife, a primitiva margem esquerda do Rio Beberibe, parte das muralhas que protegiam a cidade contra os inimigos no século 17, a Mikva usada no ritual judeu da purificação, além de 40 mil fragmentos de cachimbos portugueses e holandeses, louça, ossos de animais e peças metálicas que estão sendo estudadas.

O trabalho de prospecção, previsto no projeto de restauração do arquiteto José Luiz Menezes, foi coordenado pelo professor da pós-graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, Marcos Albuquerque. Nas primeiras semanas, os arqueólogos constataram que a Rua do Bom Jesus era, no mínimo, 70 centímetros mais baixa 300 anos atrás. A equipe chegou a essa conclusão após escavar o piso das duas casas conjugadas onde funcionou a sinagoga e encontrar outro piso de tijoleira, cerca de 55 centímetros mais baixo.

De acordo com Marcos Albuquerque, a origem do material usado no aterro é fluviomarinho, pois foram encontrados corais marinhos misturados com a areia. Depois, os especialistas localizaram a antiga margem esquerda do Rio Beberibe no interior da casa. O trecho resgatado fica numa profundidade que varia de 1,60 centímetros a dois metros em relação ao atual piso. Nas escavações foram resgatados o terreno do istmo, a inclinação de sua margem esquerda e a camada de aterro que permitiu a expansão do Recife Antigo.

A descoberta, segundo o professor revela que a Rua do Bom Jesus, antiga Rua dos Judeus, não existia no início do período colonial. "O Rio Beberibe tinha seu curso exatamente nessa área. Os judeus começaram a aterrar as suas margens e conquistar terreno ao rio", diz Marcos Albuquerque. Posteriormente, o grupo identificou parte das muralhas que cercavam e protegiam o Recife há 350 anos. O muro tem 88 centímetros de largura e 1,60 centímetros de profundidade em relação ao piso original da casa.

PROVA MATERIAL – Como os alicerces dos imóveis não estão amarrados à muralha, isso prova que o muro é anterior à casa. A parte final da sinagoga foi construída sobre o muro. Para confirmar o achado arqueológico, o professor mediu a distância da porta da casa onde funcionou o templo judeu até o muro de pedra e comparou o resultado com o mapa de C.B. Golijath (1648). Todos os achados já eram assinalados pela cartografia (Atlas Histórico e Cartográfico do Recife, organizado por José Luiz Menezes), mas precisavam ser confirmados com escavações.

Para a comunidade judaica, a maior de todas as descobertas foi a estrutura de um poço de pedra, a Mikva, usado na cerimônia do banho espiritual e que é encontrado em todas as sinagogas. No início deste ano, a Mikva – prova material da existência do templo – foi avaliada e reconhecida oficialmente por um tribunal rabínico formado por judeus do Brasil e da Argentina. O poço é feito de pedra sobre pedra, sem argamassa. Mede 1,70 centímetros de profundidade em relação ao piso original do imóvel e tem cerca de 70 centímetros de diâmetro.

Beatriz Schvartz, pesquisadora do Arquivo Histórico Judaico-Brasileiro/PE, informa que a Mikva recebe água natural de chuva ou de fonte. A cada banho (individual) a piscina é esgotada e reabastecida para a próxima pessoa. Os judeus ortodoxos se purificam antes de fazer orações e antes da celebração do Dia do Perdão. A banheira também é usada no ritual de conversão de pagãos ou pessoas pertencentes a outra religião ao judaísmo.

PATRIMÔNIO Não haverá celebrações religiosas

Prédio abrigará um centro de informações

Após a restauração, o prédio da antiga sinagoga funcionará como um centro de informação cultural e de atração turística. "Não haverá celebrações religiosas de rotina, mas alguns eventos podem ser previamente marcados", informa o presidente da Federação Israelita de Pernambuco, Bóris Berenstein.

Os imóveis foram desapropriados pela Prefeitura do Recife e cedidos em regime de comodato à comunidade judaica, por um período de 20 anos. "Vamos dar vida ao prédio com a réplica da sinagoga e com o centro cultural e de documentação da presença judaica no Brasil", destaca.

Bóris Berenstein informa que as pesquisas documentais estão sendo feitas em arquivos do Brasil e da Holanda. "Tudo o que conseguirmos será exposto ao público. É uma forma de alimentar a curiosidade das pessoas sobre esse período da história, do qual ainda sabemos pouca coisa".

A idéia da federação, acrescenta Bóris Berenstein, é descortinar para as gerações futuras um capítulo importante da história de Pernambuco e do povo judeu. "Afim, a primeira comunidade judaica do Novo Mundo nasceu no

Recife e apesar do curto período de tempo é um assunto muito interessante".

Esse resgate, diz ele, vai despertar uma curiosidade grande em todo o mundo e vai inserir o Recife no roteiro turístico religioso. "As pessoas virão conhecer o prédio e história associada". A reconstrução do prédio da primeira Sinagoga das Américas tem apoio da Prefeitura da Cidade do Recife e do Ministério da Cultura.

O financiamento é da Fundação Safra, pela Lei de Incentivo à Cultura (Lei Rouanet), e o custo

estimado do projeto é de R\$ 800 mil. A sinagoga foi construída em 1636 ou 1637 por judeus vindos da Holanda e da Península Ibérica em busca de liberdade de ex-

pressão religiosa.

O tempo hebraico funcionou no primeiro pavimento dos imóveis de números 197 e 203 da atual Rua do Bom Jesus até 1654, quando os holandeses foram expulsos pelos lusos-brasileiros. Em 1679 as casas foram doadas ao padre oratoriano, que destruíram os vestígios da sinagoga e alugaram para o comércio.

Os judeus expulsos foram para as Antilhas, a Holanda e os Estados Unidos, onde ajudaram a construir a Nova Amsterdam, atual Nova York.



ARNALDO CARVALHO/BANCO DE IMAGEM/JC

MEMÓRIA A foto acima mostra um tribunal rabínico, no início do ano, fazendo a primeira oração na sinagoga depois da expulsão dos judeus, junto com holandeses, em 1654. Abaixo, o presidente da Federação Israelita de Pernambuco, Bóris Berenstein, e fragmentos encontrados durante as escavações no prédio

MARIANA GUERRA/BANCO DE IMAGEM/JC

